

ALÉM DO SILÊNCIO: reflexões sobre as narrativas (auto)biográficas de uma professora surda que ensina Matemática no Atendimento Educacional Especializado (AEE)

Edvanilson Santos de Oliveira¹
 Patrícia Sandalo Pereira²

RESUMO

O presente estudo constitui-se como um recorte da pesquisa de doutoramento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática - PPGEducMat, da Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, já finalizado. Temos, como objetivo central, investigar como se estabelecem as relações com o saber de uma professora surda que ensina Matemática em uma perspectiva inclusiva. Para este artigo, dentre as professoras que ensinam Matemática no Atendimento Educacional Especializado (AEE), elegemos, como *corpus*, a escrita reflexiva de uma das participantes, com intuito de dar voz às suas experiências e desafios vividos, descritos a partir de uma narrativa (auto)biográfica. A pesquisa de campo ocorreu por meio de oficinas virtuais, sendo realizadas em parceria com o Grupo de Pesquisa Formação e Educação Matemática – FORMEM e a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência - FUNAD. Os dados foram analisados à luz da Teoria da Relação com o Saber, com base na técnica de leitura interpretativa-compreensiva, emergindo duas unidades temáticas, a primeira, denominada Identidade pessoal e exclusão e, a segunda, Identidade profissional. O estudo revela que não é possível separar a identidade pessoal do eu profissional, sobretudo, numa profissão essencialmente humana. Não obstante, mostra-nos que os momentos de exclusão vividos podem vir a afetar as relações estabelecidas com o saber.

Palavras-chave: Inclusão. Formação de professores. Narrativas (auto) biográficas.

BEYOND SILENCE: reflections on the (auto)biographical narratives of a deaf teacher who teaches Mathematics in Specialized Educational Services (SES)

ABSTRACT

The present study is a part of the doctoral research, linked to the Postgraduate Program in Mathematics Education - PPGEducMat, Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, completed. Our central objective is to investigate how relationships are established with knowledge, of a deaf teacher, who teaches Mathematics from an inclusive perspective. Among the participants, teachers who teach Mathematics in Specialized Educational Services (AEE), for this article, we chose as corpus the reflective writing of one of the participants, with the aim of giving voice to her vivid experiences and challenges, described from a rich (auto)biographical narrative. The field research took place through virtual offices, being carried out in partnership with the Mathematics Training and

¹ Doutor em Educação Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) - UFMS, Campo Grande (MS), Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Arte, Tecnologia e Sociedade (CNPq) e vice-líder do Grupo de Pesquisa Formação e Educação Matemática (FORMEM/CNPq). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-7666-3885>. E-mail: edvanilson@gmail.com

² Doutora em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho –UNESP, Rio Claro(SP). Professora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande (MS), Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa Formação e Educação Matemática (FORMEM/CNPq). ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-7554-0058>. E-mail: sandalo.patricia13@gmail.com

Education Research Group – FORMEM and the Integrated Center for Support for People with Disabilities Foundation – FUNAD. The data were analyzed in light of the Theory of Relationship with Knowledge, based on the interpretative-comprehensive reading technique, with two thematic units emerging, the first, called Personal Identity and Exclusion, and the second, Professional Identity. The study reveals that it is not possible to separate personal identity from the professional self, especially in an essentially human profession. Nevertheless, we show that vivid moments of exclusion can affect adverse relationships with knowledge.

Keywords: Inclusion. Teacher training. (Auto)biographical narratives.

***MÁS ALLÁ DEL SILENCIO: reflexiones sobre las narrativas
(auto)biográficas de una docente sorda que imparte Matemáticas en
Servicios Educativos Especializados (SEE)***

RESUMÉN

El presente estudio forma parte de la investigación de doctorado, vinculada al Programa de Postgrado en Educación Matemática - PPGEducMat, de la Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, realizada. Nuestro objetivo central es investigar cómo se establecen relaciones con el conocimiento, de una profesora sorda, que enseña Matemáticas desde una perspectiva inclusiva. Entre los participantes, docentes que imparten Matemáticas en Servicios Educativos Especializados (AEE), para este artículo, elegimos como corpus la escritura reflexiva de una de las participantes, con el objetivo de dar voz a sus vívidas experiencias y desafíos, descritos desde una rica Narrativa (auto)biográfica. La investigación de campo se desarrolló a través de oficinas virtuales, siendo realizada en alianza con el Grupo de Investigación en Formación y Educación en Matemáticas – FORMEM y la Fundación Centro Integrado de Atención a Personas con Discapacidad – FUNAD. Los datos fueron analizados a la luz de la Teoría de la Relación con el Conocimiento, basada en la técnica de lectura interpretativa-comprensiva, surgiendo dos unidades temáticas, la primera, denominada Identidad Personal y Exclusión, y la segunda, Identidad Profesional. El estudio revela que no es posible separar la identidad personal del yo profesional, especialmente en una profesión esencialmente humana. Sin embargo, mostramos que momentos vívidos de exclusión pueden afectar las relaciones adversas con el conocimiento.

Palabras clave: Inclusión. Formación de profesores. Narrativas (auto)biográficas.

INTRODUÇÃO

O período da pandemia do COVID-19, com o distanciamento imposto para evitar o contágio, conduziu os professores e professoras, de modo geral, a apropriarem-se de conhecimentos relacionado ao uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), tornando o ensino remoto o principal meio de comunicação entre os atores educacionais.

Se, para um aluno com desenvolvimento típico, os efeitos do referido cenário ainda são desconhecidos no campo da educação, em sua plenitude, para aqueles com desenvolvimento atípico, que necessitam do uso e criação de materiais

acessíveis, tornaram-se um desafio ainda maior, conseqüentemente, diferentes métodos de ensino também foram necessários para superar os diversos desafios vivenciados.

Nesse contexto, a tese de doutoramento, orientada pela segunda autora, foi desenvolvida, no campo da formação continuada de professores que ensinam Matemática no Atendimento Educacional Especializado (AEE), em uma perspectiva inclusiva.

Para este artigo, como desdobramento do estudo de doutoramento, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)³, buscamos compreender como se estabelecem as relações com o saber de uma professora surda, que ensina Matemática em uma perspectiva inclusiva?

Mobilizados por nossa questão de pesquisa, encontramos, para além de participantes de pesquisas, pessoas especiais que contribuíram de forma significativa com o presente estudo, além de fomentar novos e diferentes questionamentos. Dentre as participantes, para este artigo, elegemos, como corpus, a escrita reflexiva de uma das professoras, com intuito de dar voz às experiências e desafios vividos, a partir de sua narrativa (auto)biográfica.

Nesse movimento, nossos achados foram analisados, a partir de uma leitura interpretativa-compreensiva, à luz da Teoria da Relação com o Saber, a qual fornece elementos que auxiliam na compreensão das relações que um sujeito singular estabelece como o mundo, com o outro e consigo mesmo.

A RELAÇÃO COM O MUNDO, COM O OUTRO E CONSIGO MESMO

A Teoria da Relação com o Saber proposta pelo professor e pesquisador Bernard Charlot envolve diferentes áreas do conhecimento, tais como sociologia, psicologia, educação e antropologia, em uma vertente plural e humanista.

Para compreender o complexo processo de apropriação de um determinado saber, é preciso analisar as relações que o sujeito confrontado com a necessidade de aprender estabelece com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

³ Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 47953021.1.0000.0021

Na tentativa de encontrar uma definição para o “saber”, Charlot (2000, p. 61) afirma que “não há saber em si, o saber é uma relação”. Sendo assim, não existe sujeito de saber e não há saber, se esse sujeito não estabelece uma determinada relação com o mundo, que vem a ser ao mesmo tempo e, por isso mesmo, uma relação com o saber.

A relação com o mundo é também relação consigo mesmo e relação com os outros, pois implica, conseqüentemente, uma forma de atividade, uma relação com a linguagem e uma relação com o tempo, com a cultura e a sociedade como um todo.

No tocante ao tempo, mais especificamente, na qualidade de relação com o saber, considera-se a sistematização de apropriação e compreensão do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição e inserção em uma série de redes de relações com os outros – o “aprender” – o que requer tempo e que jamais acaba, em uma contínua espiral:

Esse tempo é de uma história: a da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; a do sujeito, a da linguagem que engendrou o sujeito e ele engendrará. Esse tempo não é homogêneo, é ritmado por “momentos” significativos, por ocasiões, por rupturas; é o tempo da aventura humana, a da espécie, a do indivíduo. Esse tempo, por fim, se desenvolve em três dimensões, que se interpenetram e se supõe uma à outra: o presente, o passado, o futuro. (Charlot, 2000, p.79)

Nesta perspectiva, analisar a relação com o saber traduz-se em analisar uma relação simbólica, ativa e temporal do ser humano, enquanto sujeito historicamente singular.

Para o autor, o ato de nascer remete ao ingresso do homem em um mundo em que se é obrigado a aprender. Neste sentido, o homem nasce com seu desenvolvimento totalmente inconcluso, frágil, mas igualmente provido de plasticidade, definindo-se ao longo de sua história, na qual irá elaborar um sistema próprio, complexo em que se constrói e é construído, no entanto, nunca acabado.

Aprender nesse contexto revela um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela) (Charlot, 2000).

Nascer é penetrar nessa condição de aprender. Entrar em uma história, a história singular de um sujeito inscrita na história maior da espécie humana. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros homens. Entrar em um mundo onde ocupa um lugar (inclusive social) e onde será necessário exercer uma atividade (Charlot, 2000, p. 53)

Do ponto de vista antropológico, o exercício de uma dada atividade exercida pela espécie humana ao longo do tempo tinha caráter vital, era uma questão de sobrevivência.

Na sociedade contemporânea, a atividade exercida pelo homem ganha múltiplos sentidos e significados, a depender evidentemente do contexto na qual é exercida, no caso da educação, por exemplo, para existir uma forte relação com o saber, a atividade intelectual precisa produzir sentido, para que o sujeito sintá-se mobilizado para realizá-la.

Esse móbil, descrito por Charlot (2000), está conectado ao desejo e ao prazer em realizar a atividade:

O desejo é a mola de mobilização e, portanto, da atividade; não o desejo nu, mas, sim, o desejo de um sujeito “engajado” no mundo, em relação com os outros e com ele mesmo. Não esqueçamos portanto que esta relação se desenvolve no tempo: o valor do que aprendemos (seja esse valor positivo, negativo ou nulo) não é, nunca, adquirido de uma vez por todas (Charlot, 2000, p. 82).

Sendo assim, o desejo encontra-se intimamente ligado a uma atividade, ação, metas e móbil, os quais, na Teoria, podem ser definidos:

[...] a atividade é um conjunto de ações propulsionadas por um móbil a que visam uma meta (Leontiev, 1975; Rochecx, 1995). Ações são operações implementadas durante a atividade. A meta é o resultado que essas ações permitem alcançar. O móbil, que deve ser distinguido da meta, é o desejo que esse resultado permite satisfazer e que desencadeou a atividade. (Charlot, 2000, p.55)

Em diversas situações, é possível que o sujeito encontre obstáculos para realizar a atividade, o que Charlot, à luz dos estudos bachelardianos, denomina de obstáculos epistemológicos.

Na epistemologia bachelardiana, a verdade deve ser construída pelos homens por meio da superação dos obstáculos epistemológicos. Sempre ocorrerá primeiro o erro, porque é, primeiramente, a vida que acontece, cuja lógica não é a

racionalidade científica. Sendo assim, a verdade é o resultado de um trabalho demorado, penoso, coletivo, de retificações sucessivas ao longo da história (Bachelard, 1996).

Nesta perspectiva, as relações com o saber estabelecem-se em três dimensões que se encontram imbricadas. A dimensão identidade, a qual aponta para a singularidade histórica e cultural do sujeito, seus desejos e produção de sentido e prazer na realização de uma atividade, na qual Charlot (2000, p. 72) sinaliza que “aprender faz sentido por referências à história do sujeito, as suas expectativas, as suas referências, à sua concepção da vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e a que quer dar de si aos outros”.

No ambiente escolar, na verdade, sob um olhar filosófico, quem aprende não é o eu empírico, não é o eu da experiência cotidiana; quem aprende na escola é o eu epistêmico, o que os filósofos chamam de razão, o eu pensante, denotando uma dimensão epistêmica com o saber. O termo epistêmico é utilizado em diferentes obras de Charlot (2000, 2001, 2005, 2009) e elas reforçam que o eu epistêmico não é dado, pelo contrário, é construído e conquistado, a partir do engajamento do sujeito em uma atividade intelectual.

As pesquisas desenvolvidas por Charlot mostram que o objeto do saber constitui-se correlativamente ao sujeito epistêmico, e expressa certo conflito na compreensão dos jovens de classes populares sobre “o aprender na escola” e “aprender na vida” (Charlot, 2005).

Essa relação com o saber também envolve a dimensão social, pois expressa as condições da realidade social em que o indivíduo encontra-se inserido. No entanto, Charlot (2000, p. 62) enfatiza que “[...] as relações sociais estruturam a relação com o saber e com a escola, mas não determinam”. A questão é perceber que o sujeito é um ser social, mas também singular, por essa razão, as dimensões identitárias sociais e epistêmicas encontram-se intimamente ligadas e em constante transformação.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é delineado a partir de uma abordagem qualitativa e justifica-se por permitir ao pesquisador caracterizar o fenômeno, descrevendo

particularidades, tendo em vista que, em nosso estudo, buscamos investigar: como se estabelecem as relações com o saber de uma professora surda, que ensina Matemática em uma perspectiva inclusiva?

Em virtude do período de pandemia da COVIDD – 19, a investigação foi desenvolvida por meio de oficinas virtuais, realizadas de forma síncrona, por meio do *google meet*, a partir de um *design* colaborativo de formação continuada, em parceria com o Grupo de Pesquisa Formação e Educação Matemática – FORMEM e a Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência - FUNAD-PB, por constituir-se um centro de referência em assistência, reabilitação e ensino de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, no estado da Paraíba.

Ao longo das oficinas virtuais, compartilhamos saberes relacionados ao uso e criação de Tecnologias da Informação e da Comunicação para o ensino de Matemática em contexto inclusivo.

Dentre os participantes, professoras formadas em Pedagogia, que atuam na rede pública estadual e ensinam Matemática no Atendimento Educacional Especializado (AEE). Para este artigo, com intuito de dar voz às experiências e desafios vividos, selecionamos a narrativa (auto) biográfica de uma pessoa surda.

As narrativas (auto)biográficas encontram-se situadas numa perspectiva crítica, não servindo apenas para comprovar hipóteses ou teorias, elas são o próprio método:

Não se trata, pois, de negar ou relegar a subjetividade e a historicidade do mundo narrado pelos indivíduos, mas admitir como legítima a possibilidade de ler uma sociedade mediante uma única biografia. Pois uma pessoa totaliza um sistema social, é nesse sentido que ela é “universal singular” (Passeggi, 2010, p.121).

Como instrumento para produção de dados, utilizamos a escrita reflexiva, por constituir-se um instrumento versátil, pois favorece a reflexão e a aprendizagem acadêmica e profissional em contextos de ensino, sendo uma atividade prazerosa, que pode ser aplicada em diferentes contextos, para além da formação de professores, para o qual foi originalmente formulado (Moon, 2006),

situando-se no campo de influências históricas, sociais, políticas e culturais (Dos; Demir, 2013).

Com vistas a preservar a identidade da professora, ela será chamada de Vanessa, em uma nítida referência a Vanessa Lima Vidal, nascida em 1984, natural de Fortaleza, modelo, estudante de Ciências Contábeis e Letras/Libras e que foi a segunda colocada no Miss Brasil 2008 e a primeira candidata deficiente auditiva a concorrer ao título de Miss Brasil.

Para análise dos dados, utilizamos a análise interpretativa-compreensiva (Ricoeur, 1996; Souza, 2004), visto que permite ao pesquisador refletir sobre o percurso formativo ao longo da vida, compreendido por Josso (2002) como uma fenomenologia das experiências.

A partir da ideia metafórica de leitura em três tempos, em que Souza (2014) considera o tempo de narrar e refletir sobre o vivido como um processo dialógico, é possível, no Tempo I, realizar-se a leitura cruzada ou pré-análise, a qual pode ser compreendida como um

[...] processo de pesquisa, de formação ou de investigação-formação, que remete ao pesquisador para uma escuta sensível e atenta, bem como para a leitura sucessiva das fontes, implicando no cruzamento individual e coletivo das histórias dos colaboradores e do mapeamento inicial de significações e unidades temáticas de análise, por considerar os eventos narrados ou descritos sobre o objeto específico de pesquisa ou de formação, sempre centrado nos percursos, trajetórias e experiências de vida dos sujeitos e das singularidades de cada história de vida.. (Souza, 2014, p. 44).

No Tempo II, a partir da articulação das leituras cruzadas, busca-se evidenciar regularidades, irregularidades, particularidades e subjetividades no *corpus* de análise. Desse processo, emergem duas unidades temáticas: Identidade pessoal e exclusão escolar e Identidade profissional.

Por fim, no Tempo III, realizamos a leitura interpretativa-compreensiva do *corpus*, com base em um processo de retornos sucessivos e articulação entre as unidades temáticas de análise, buscando encontrar regularidades, irregularidades e sentidos baseados no contexto semântico dos achados, sendo apresentado em nossas considerações finais.

A seguir, discorreremos sobre a nossa primeira unidade temática de análise.

IDENTIDADE PESSOAL E EXCLUSÃO ESCOLAR

No primeiro dia do nosso encontro, solicitamos às participantes que registrassem suas histórias de vida, por meio da escrita reflexiva ou até mesmo de vídeos.

A professora Vanessa escolheu registrar sua trajetória por meio da escrita reflexiva. No encontro seguinte, as participantes puderam fazer a leitura, que, no caso de Vanessa, tivemos o auxílio de um professor intérprete de Libras, que participou de todos os encontros.

Percebemos um sentimento de liberdade e alegria ao compartilhar sua vida, por meio da Escrita Reflexiva, sendo assim, seguem os registros escritos:

Sou Surda oralizada, tenho 43 anos, casada com Jamilson, é ouvinte, meu segundo casamento; com ele. não tenho filho, mas. no primeiro casamento. tenho um filho de 17 anos. é ouvinte, sabe libras básico do dia a dia. Minha infância, se fosse para contar daria um livro imenso, cada história entre alegria e tristeza, primeiro falaria da **minha tristeza dentro de uma sala de aula, não foi fácil estudar naquela época**, foi difícil apesar da inclusão da minha deficiência, não foi **fácil de interagir com os colegas de sala**, isso aconteceu quando estudava na 4º série no Ensino Fundamental no colégio IPEP que ficava na Epitácio aqui em João Pessoa, tinha professora chamada Lourdes, nesta escola não fiz muita amizade, pois **existia preconceito** pela minha pessoa, a professora era recebida com abraço e carinho os alunos, então **quando chegava para abraçar, ela rejeitava por ser uma gordinha**, por causa do meu peso ela não aceitava que eu abraçasse da mesma forma que as minha amiga abraçava ela, **ficava triste chegava em casa chorando pedia para meus pais tirarem da escola** só que não aceitavam, só que eles não sabiam o que acontecia lá dentro da escola comigo, esse foi fato que mais marcou na minha vida. Momento que marcaram minha vida foi a minha gravidez hoje sou realizada, uma mãe, amiga e companheira do meu filho. (Narrativa (auto)biográfica/Escrita Reflexiva, Vanessa, grifo nosso)

Conforme podemos verificar no trecho acima, Vanessa é uma pessoa surda e iniciou seus registros discorrendo sobre seu casamento atual, além de relatar que é mãe de um filho com 17 (dezesete) anos, fruto do primeiro casamento, sendo esposo e filho são ouvintes e sabem LIBRAS básico.

Ela relata momentos tristes de sua infância, principalmente na escola, ao indicar que “não foi fácil estudar naquela época”, anuncia a dificuldade de a comunidade surda frequentar o ensino regular.

De fato, ao analisarmos os marcos legais brasileiro, apenas em 2002, por meio da Lei nº 10.436/02, a LIBRAS passou a ser reconhecida como meio legal de comunicação e expressão e, a partir do Decreto nº 5.626/05, de 22 de dezembro de 2005, regulamentando a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Além disso, o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, visou ao acesso à escola aos estudantes surdos, além de dispor sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação do professor, instrutor e do tradutor/intérprete de Libras, do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à Educação, em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à Educação Superior.

O sentimento de rejeição pelos colegas ou até mesmo pela professora, percebido pelo fato de ser gordinha ou surda, tornou-se um obstáculo para apropriação de saberes, influenciando, de certa forma, no seu desenvolvimento.

A relação com o saber, conforme aponta Charlot, é estabelecida na relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo, no caso de Vanessa, essas relações eram frágeis, à medida que o ato de ir à escola não produzia sentido, pois o ambiente excludente provocava o sentimento de angústia.

As lembranças da Vanessa, ao frisar que “ficava triste chegava em casa chorando pedia para meus pais tirarem da escola” também apontam para uma situação que se constitui, na visão bachelardiana, um obstáculo epistemológico para apropriação dos saberes institucionalizados.

Além disso, o relato acima remete a refletir que a situação vivenciada, certamente, constitui-se de um fato vivido por outros surdos e pessoas que são o público da Educação Especial no ambiente escolar, totalmente desumano, ao pensarmos a educação como um processo de humanização solidária, “[...] pelo próprio fato de nascer na espécie humana, todo ser humano tem direito à humanização, então também à entrada em um grupo social e uma cultura e tornar-

se um sujeito singular. A educação é um direito antropológico.” (Charlot, 2020, p. 300).

O direito ao acesso à educação está para além da inserção na escola, a prática inclusiva pressupõe o ato de acolher e este é papel tanto do professor ou professora, quanto da comunidade escolar como um todo. Vanessa mostra-nos que a presença da pessoa com deficiência na escola não é garantia de uma educação inclusiva. Para romper as barreiras do preconceito, que afetam o desejo de estar em sala de aula e, nesse viés, o desejo de aprender, é preciso consciência, empatia e sensibilidade, nas relações com o outro e consigo mesmo, em um mundo em que as diferenças não são respeitadas.

Vanessa concluiu essa unidade temática trazendo em memória a gravidez, como um dos melhores momentos de sua vida.

Para o Charlot (2000), o ato de nascer anuncia o ingresso do homem em um mundo, com seu desenvolvimento totalmente inconcluso, frágil, mas igualmente provido de plasticidade, definindo-se ao longo de sua história, sendo assim, por meio do nascimento, com a perpetuação da espécie, também é gerada a esperança de um processo de transmissão cultural inclusivo, que se inicia na família, exemplificado por Vanessa, que ensina Libras a seu filho, contribuindo para que possa tornar-se um sujeito capaz de fazer uma leitura de um mundo com um olhar humanizado.

IDENTIDADE PROFISSIONAL

A identidade profissional dos professores pode ser caracterizada como um processo de elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes momentos e fases, desde

[...] a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de reto, por toda trajetória do profissional do professor, construindo-se com base nas experiências, nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito as representações, como no que se refere ao trabalho concreto (Passeggi, 2011, p. 151-152)

No que tange à sua atuação profissional, ela trabalha na FUNAD na sala de AEE na Escola Ana Paula Ribeiro Lira, além de atuar como mediadora do curso de Pedagogia bilíngue na modalidade EAD pela Universidade Federal da Paraíba.

Tenho uma formação de graduação em Letras – Libras e especialista de Libras. Hoje, trabalho pela FUNAD minha experiência profissional sou professora da sala do AEE de Libras pela Escola Ana Paula Ribeiro Lira, também sou mediadora do curso a distância pedagogia bilíngue pela Universidade Federal da Paraíba. Momento que marcaram na minha formação foi o meu esforço de estudar em Fortaleza para cursar a minha graduação, foi momento de lutar e resistência, saindo de João Pessoa para Fortaleza com 10 horas de viagem, indo nas sexta e voltando no domingo pela manhã, as aulas acontecia nos sábado 7h as 18h horas entre de 15 em 15 dias, não foi fácil, teve momento que pensei em desistir porque era cansativo, eu escolhi essa profissão foi por questão de uma formação acadêmica, mas o meu sonho era fazer veterinária, porém naquele tempo não tinha uma estrutura igual a que temos hoje, um intérprete, se hoje o tempo atrás fosse assim, **hoje estaria fazendo que gostaria de fazer veterinária, mas hoje sou feliz com a minha formação que escolhi, nesta profissão estou ajudando os meus alunos na aprendizagem e desenvolver**, isso me deixa feliz com os resultado daqueles que passaram por mim. **Se pudesse voltar o tempo queria fazer veterinária, realizaria meu sonho. A minha experiência na educação especial está sendo um grande desafio pelo distanciamento com os meus alunos, não está sendo fácil, pois muitos deles moram no interior e o acesso à internet não é bom**, cai muito, então para mim é uma experiência de aprendizado. (Narrativa (auto)biográfica/Escrita Reflexiva, Vanessa, grifo nosso)

Vanessa revela que o Curso de Letras Libras foi uma segunda opção, pois a primeira e seu sonho seria o Curso de Medicina Veterinária, tendo em vista que, naquela época, em que ela estudou, não havia um marco legal que garantisse os direitos ao acesso à Educação Superior de forma igualitária, contudo, a trajetória acadêmica é marcada por outros desafios, relacionados ao deslocamento de João Pessoa – PB para universidade localizada em Fortaleza – CE, às 10 horas de viagem, cansativas, conduziam a cogitar a desistir do curso, o que não ocorreu, conseguindo concluir sua graduação.

Assim, considera estar realizada, ao pontuar que “nesta profissão estou ajudando os meus alunos na aprendizagem e desenvolver, isso me deixa feliz com os resultados daqueles que passaram por mim”. Sendo assim, quanto à questão da

realização, Charlot (2020, p. 300) pontua que “o humano só se realiza sob formas social e historicamente determinadas”.

Quanto à experiência na Educação Especial no período de pandemia, considera ser um grande desafio, por questões relacionadas à distância e à dificuldade de acesso à internet, contudo, afirma ser um período de aprendizado. Neste sentido, percebemos que o mundo tecnológico é privilégio para alguns e as condições sociais naturalmente também se tornam sinônimos de exclusão.

No exercício da profissão, o professor é sujeito a diferentes imposições, dentre elas, podemos destacar a ênfase no preparo do aluno para viver em uma sociedade do saber, que supõe o domínio das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação, sendo que:

Esse domínio é socialmente importante e essas tecnologias são instrumentos preciosos para se ter acesso a um patrimônio de informações ampliado. Mas informação não é saber, ela se torna saber quando contribui para o esclarecimento do sujeito sobre o sentido do mundo, da vida, de suas relações com os outros e consigo mesmo. É possível estarmos hoje começando a entrar em uma sociedade da informação e a sair de uma sociedade do saber (Charlot, 2005, p. 85).

Sendo assim, é possível que o homem possa estar conectado e ter acesso à internet, ao universo da cibercultura, contudo, o uso humano cabe a um sujeito ético, crítico e reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, buscamos investigar como se estabelecem as relações com o saber de uma professora surda, que ensina Matemática em uma perspectiva inclusiva?

As narrativas (auto)biográficas de Vanessa proporcionam-nos uma visão profunda e inspiradora de sua jornada pessoal, acadêmica e profissional. Sua história é marcada por escolhas difíceis e desafios significativos, mas também por uma determinação inabalável em perseguir seus objetivos.

Ao revelar que sua primeira opção de curso foi Medicina Veterinária, Vanessa leva-nos a refletir sobre as barreiras enfrentadas por muitas pessoas surdas na busca por igualdade de acesso à educação. A falta de um marco legal que

garantissem esses direitos na época de sua decisão é um reflexo das desigualdades estruturais que ainda persistem em nossa sociedade.

O deslocamento de João Pessoa para Fortaleza para cursar Letras Libras exemplifica o comprometimento e a resiliência de Vanessa em superar obstáculos físicos e geográficos. As longas horas de viagem não foram apenas um teste de resistência, mas também demonstram sua dedicação à educação e ao seu próprio desenvolvimento acadêmico.

Sua satisfação e realização ao trabalhar como professora de matemática no Atendimento Educacional Especializado (AEE) são visíveis. Vanessa encontrou sentido em seu papel ao ver o progresso e o sucesso escolar de seus alunos, destacando como a educação pode ser um agente de transformação.

A pandemia trouxe novos desafios, especialmente para aqueles envolvidos na Educação Especial. As dificuldades de acesso à internet e a distância física ampliaram as disparidades sociais já existentes. No entanto, Vanessa encara esse período como uma oportunidade de aprendizado e reflexão, destacando a necessidade de adaptabilidade e resiliência em face de mudanças inesperadas.

No mundo em constante evolução das Tecnologias da Informação e da Comunicação, o papel do professor é complexo e multifacetado. Além de atuar como mediador no processo de construção do conhecimento, ele também é responsável por preparar os alunos para enfrentar os desafios de uma sociedade cada vez mais digitalizada. A história de Vanessa lembra-nos a importância do compromisso e da paixão no exercício dessa profissão crucial. Sua determinação e dedicação são um testemunho do poder transformador da educação e da resiliência humana.

Em última análise, as narrativas de Vanessa inspiram-nos a refletir sobre a importância da educação inclusiva e do apoio e acolhimento contínuo às pessoas com deficiência. Percebemos a importância de uma *práxis* inclusiva, pois sua ausência na escola, que deveria propiciar o acolhimento e inclusão para transmissão cultural a diversidade humana, faz perder o sentido, tornando frágeis as relações com o saber.

No território da Educação Matemática Inclusiva e na Formação de Professores, identificamos a importância das narrativas (auto) biográficas, enquanto método, ao permitir ampliar o olhar do pesquisador, para além do objeto

de estudo, conduzindo a compreensão e aproximação das realidades vividas, tanto no passado, quanto no presente.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento / Gaston Bachelard; Tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 dezembro 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2005/decreto/d5626.htm#:~:text=DECRETO%20N%C2%BA%205.626%2C%20DE%2022,19%20de%20dezembro%20de%202000. Acesso em: 30/01/2022.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Artmed Editora: Porto Alegre, 2000.

CHARLOT, Bernard. A noção de relação com o saber: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: CHARLOT, B. (Org.). **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 15-31.

CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Revista Perspectiva**, v. 20, n. especial, jul./dez. 2002.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHARLOT, Bernard. **A Relação com o saber nos meios populares**. – Uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio. Legis Editora: Cidade do Porto, Portugal, 2009.

DOS, Bluent. & DEMIR, Servent. The analysis of the blogs created in a blended course through the reflective thinking perspective. *Educational Sciences: Theory & Practice*, 2013.

MOON, Jennifer. **A handbook of reflective and experiential learning**: Theory and practice. New Fetter Lane, London: RoutledgeFalmer, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

Recebido em: 05 de maio de 2024
Aprovado em: 08 de maio de 2024
Publicado em: 10 de maio de 2024

